

## É possível uma explicação para o surgimento da Shindo Renmei?

Ioehihiko Kaneoya

A Shindo Renmei foi organização patriótica que surgiu no estado de São Paulo, na década de 40 entre imigrantes japoneses, cujo objetivo era uni-los e cultivar o espírito japonês. Acabou executando alguns e ferindo outros que não acreditavam na derrota do Japão na Segunda Guerra mundial.

### Antecedentes históricos no Japão

Isolado no extremo Oriente, o Japão demorou para ser visitado pelas potências marítimas europeias. Foi só em 1542, pelos portugueses, que o Ocidente pôs seus pés no Japão. Em 1549 a missão católica de Francisco Xavier, um dos fundadores da Companhia de Jesus aportou em suas costas. A Companhia que tinha por missão o ensino, a conversão e a caridade, logo converteu muitos à sua fé, inclusive alguns daimyo (senhor feudal). Os portugueses aí encontraram um país feudal governado por uma elite composta por guerreiros samurais. A figura lendária do guerreiro *samurai* desde o regime xogunal (1192 a 1867) gozava de alto prestígio na sociedade. Sua palavra era a lei, detinha o poder de vida e morte. Produto orgulhoso da lealdade, sabedoria e coragem, sua conduta se cercava de esmero e cuidado, alimentado por doutrina própria, posteriormente conhecida como *Bushido* – o caminho do guerreiro – motivo de estudos à parte. Pedir ao samurai para assinar qualquer documento era uma ofensa: bastava sua palavra. A palavra do guerreiro dada - “*bushi no ichigon*”- , era compromisso firmado, promessa feita, a verdade exteriorizada. Vive ainda no japonês de hoje esse espírito que outrora habitava no samurai, afirma-o Inazo Nitobe, ao escrever “*Bushido – the soul of Japan*”, cuja primeira edição é de 1900, editado no Brasil como “*Bushido – a alma do samurai*”.

Historicamente o Japão sempre esteve atrasado em relação a outros países. Nação ágrafa, a partir do século VI, importou da China a escrita, as artes, o sistema político; da Coreia trouxe o budismo, a carpintaria, a metalurgia e mestres em vários ofícios, inclusive professores de *kanji*. Estava também atrasado nas conquistas de terras d’além-mar. No xogunato de Toyotomi Hideyoshi em 1596, o galeão espanhol San Felipe naufragou na baía de Uruga, nas costas do Japão. Na conversa com náufragos, foi mostrado no mapa ao *kanpaku* (regente geral – Toyotomi não tinha o título de xogun), as terras ao redor do mundo conquistadas pela coroa espanhola. Passaram-se quase dois séculos do pioneirismo das navegações expansionistas ibéricas, iniciadas com a conquista de Ceuta pelos portugueses em 1415, e o Japão perdera a corrida pelas possessões ultramarinas ao redor do mundo, conquistadas por Portugal, Espanha e, mais tarde, também pela Inglaterra, França e Holanda. O *kanpaku* ficou sabendo também o processo empregado para conquista: primeiro enviam-se missionários para

conversão, depois, quando necessário, o Exército para completar a dominação, que não era apenas política: a colônia tornava-se rendosa tributária da corte, comprando escravos, fornecendo e consumindo mercadorias – intermediadas por navegadores e financistas, com altos lucros. Terras conquistadas, além de riquezas, conferiam ao país conquistador prestígio de potência mundial. Este esclarecedor incidente somado a injunções políticas do governo Toyotomi – alguns *daimyos* católicos se fortaleciam, ameaçando a hegemonia do xogunato –, fez do catolicismo religião proibida, banidos os missionários e mortos 26 cristãos em 1597, mais tarde canonizados como os mártires de Nagasaki. Seguidamente os cristãos foram perseguidos e executados. Entre 1614 e 1635, 280 mil cristãos morreram, crucificados ou sob outra tortura, ao se recusar a negação da sua fé. Com receio de novamente ver seu povo entregue à fé forasteira, o governo isolou o país, abrigando-o de influências externas, numa política que ficou conhecida como “*sakoku*”. A partir de 1641 até 1866, fins do xogunato Tokugawa, os japoneses foram proibidos de deixar o Japão. O isolamento incluía também livros do Ocidente. O país viveu então uma espécie de censura ao exterior até 1720, quando o governo suspendeu a proibição à entrada de livros, com exceção dos que continham doutrina cristã.

Foram-se os missionários, foi-se o cristianismo e ficou a lição para os japoneses: países progridem com terras no exterior. Mas, governado pela dinastia Tokugawa (1603-1867), o Japão fez o contrário: com pouquíssimas exceções, fechou-se para o mundo exterior durante 260 anos até ser obrigado a abrir seus portos ao comércio com os norte-americanos pelo comodoro Matthew C. Perry em 1854, enviado do presidente Millard Fillmore. Durante longo tempo a estabilidade política, econômica e social proporcionada pela longa administração Tokugawa fez revigorar e desenvolver a cultura, o pensamento, as artes e a literatura, dando-lhes roupagens próprias. Na fase final do xogunato, os muitos erros da administração acabaram por gerar descontentamentos sociais abalando a estabilidade política e fazendo suscitar movimentos pela entrega do poder político ao imperador. No repentino choque com os americanos – o que precipitou a Reforma Meiji – o Japão percebeu que perdera as duas revoluções industriais e seus benefícios econômicos; perdera também o bonde das reformas políticas trazidas pelos novos ventos do Iluminismo e da Revolução Francesa. Mais uma vez, lá estava o atrasado Japão: agrário, feudal, pobre, sem ciência ou tecnologia de valor econômico para o mercado do Ocidente, sem indústria, de insignificante economia endógena, inexistente para o mundo desenvolvido, governado por castas hereditárias absolutistas que o mundo desenvolvido já abolira havia quase um século. Que choque para a nação! Mas a alta potência do golpe tirou-a do estado letárgico em que se encontrava, e fê-la caminhar a passos céleres rumo à modernização. Não sem algum descontentamento. As forças do xogunato enfrentaram forças opositoras que desejavam mudanças com a restauração do poder de governo ao imperador. A guerra, que acabou chamada de Boshin, durou de 1868-1869, vencendo, ao final, as forças que desejavam a renovação, pondo fim à Era Edo após 2,5

séculos da dinastia Tokugawa e abrindo definitivamente o país à era da modernização. Cunhou-se a expressão “*bunmei kaika*” (civilização e esclarecimento) – mote dos novos tempos que passou a empolgar a nação que buscava agora, avidamente, os conhecimentos do Ocidente.

Várias medidas foram tomadas pelo governo Meiji para modernizar o país, ao mesmo tempo que militares e políticos de ideias expansionistas ganhavam poder. Convém lembrar que o país era feudal e governado por samurais. Ao final da Guerra Boshin os convidados a compor o futuro novo governo foram os *daimyos* dos feudos de Satsuma, Choshu, Tosa e Hizen, que lutaram pró-futuro governo Meiji contra os Tokugawa. Com o tempo, por influência do *daimyo* de Satsuma, Saigo Takamori, outros samurais dos feudos vencidos também foram aproveitados no governo, podendo-se dizer que ali estava para governar o Japão do início da modernização, um grupo de samurais, ex-*daimyos*, na liderança, e muitos outros que se tornaram funcionários públicos, ao ser extinta a classe dos samurais pela Reforma Meiji. À época havia 1,9 milhão de samurais; muitos se tornaram professores, diplomatas, industriais, oficiais militares, policiais, comerciantes, banqueiros, dado seu alto grau de educação. Compunham também o primeiro governo Meiji, alguns civis com estudos no exterior. Indubitavelmente era governo sob forte influência do caráter samuraico, isto é, orgulhosa elite que perseguiria e executaria com vigor e tenacidade seus objetivos, entre os quais, seu reconhecimento também como elite no cenário mundial.

Desde o século XV, havia no Japão movimento pela restauração da primitiva pureza xintoísta, propondo-se expurgá-la das influências budistas. Estudiosos da mitologia xintoísta afirmavam, baseados em escrituras, que o Japão era um país divino, de seres superiores, cujo imperador descendia em linha direta e ininterrupta do primeiro imperador, Jinmu - trineto da deusa Amaterasu - , e que por isso estava destinado a espalhar seu domínio por todo o mundo. O Japão tinha portanto, um imperador divino, descendente direto da deusa Amaterasu, divindade mais alta do xintoísmo. De um lado, ocupava o poder no ocaso do xogunato, o líder secular de um governo enfraquecido e conflagrado; de outro, como potencial liderança política, um sagrado imperador revestido de divindade e digno de veneração. Líderes da oposição ao xogunato Tokugawa perceberam o potencial aglutinador dessa crença junto às forças de renovação, e passaram a promover sua revitalização como estratégia para insuflar movimento pela devolução do poder ao imperador. Foi então incentivada sua promoção - na imprensa, nas escolas, nas forças armadas - como estratégia para legitimação do poder da Casa Imperial. De fato, em janeiro de 1868, após consolidada a Era Meiji, o Departamento do Xintoísmo (*Jingika*, atual *Jingikan*) era o mais importante, dentre os sete departamentos do novo governo. O Japão voltava a ser administrado sob a política denominada “*saisei itchi*” – união da religião e do governo.

A desenvoltura das forças japonesas nas missões ultramarinas (China e Coréia no final do século XVI – cujas tropas regressaram ao Japão pela morte do kanpaku em 1598), a captura de Okinawa em 1609 e sua anexação em 1879), e os seguidos fracassos das invasões dos temidos mongóis ao seu país, em 1274 e 1281 – em ambas varridas por tufões, chamado pelos japoneses “o vento dos deuses – *Kamikaze*”- confirmavam para a nação, o Japão como um país protegido por deuses. Três séculos depois, em 1894-95 em disputa por terras da Coreia, o Japão venceu a guerra com a China incorporando Taiwan, a península de Liao Tung e as Ilhas Pescadores ao seu domínio. Dez anos depois, também em disputa por terras, venceu a Rússia, ampliando ainda mais seu território com a incorporação das Ilhas Sacalinas. Cinco anos depois, em 1910, incorpora o território da Coreia; aproveita a Revolução Russa e ocupa a Sibéria em 1917; em 1919, como ganhos da Primeira Guerra, em que esteve ao lado dos Aliados, ganhou Samoa, Togo, Palau, Nauru, as ilhas Marianas, Marshall, Carolinas e a antiga base alemã de Kiao-Chao (depois obrigado a devolver); em 1931 toma a Manchúria e ali institui o reino de Manchukuo nomeando seu imperador; em dezembro de 1941 bombardeia Pearl Harbor, causando as maiores baixas americanas durante o conflito e forçando a maior potência ocidental a entrar na guerra; em 1942 ocupa a Malásia, Filipinas, Cingapura, Hong-Kong, Birmânia, Indonésia e Tailândia, estendendo seu domínio a todo sudeste asiático, perfazendo 7,4 milhões de km<sup>2</sup> ocupados – quase 20 vezes seu território – fazendo jus à política iniciada na Era Meiji denominada “*Fukoku Kyohei*” – país rico e Exército forte. Mas Exército forte consome recursos; estradas de ferro, industrialização, modernização da economia, educação obrigatória, enfim, reformas radicais como as implementadas, consomem muitos recursos. Esforço colossal se notou na educação: a não ser uns poucos privilegiados, filhos da aristocracia, do clero e de alguns comerciantes, as crianças não frequentavam a escola. Tão logo assumiu o poder, o governo Meiji tornou a educação primária obrigatória, às expensas do próprio aluno. Em 1873 já havia 27% de crianças alfabetizadas; em 1900 eram menos de 50% e em 1910 eram 98%. Embora o índice geral da população alfabetizada fosse, nessa época de 85%, era ainda precária a alfabetização com o domínio de apenas algumas centenas de kanjis, face aos milhares necessários para uma boa educação, consequência da ainda baixa frequência de alunos no nível ginásial – cerca de 30%. Nível não obrigatório, mas também pago pelo aluno, o que explica a drástica redução de frequência nesse nível. Ao mesmo tempo em que se ensinava o xintoísmo nas escolas, o governo incluiu entre os objetivos da educação, o culto da disciplina, da obediência, da harmonia e da lealdade, o que formalizava na didática escolar o tradicional, senão o único, modo de ser do japonês. A Universidade de Tóquio, a primeira no país, foi inaugurada apenas em 1877. A modernização caminhava a passos largos: o telégrafo foi inaugurado em 1869, a ferrovia em 1872, a eletricidade estendida em 1887, o telefone em 1890. A escalada por conquistas talvez tivesse tomado outro rumo não fosse a ascensão dos militares e militaristas ao poder – gente que defendia a construção da “esfera de co-prosperidade no leste da Ásia” pela

ocupação de territórios. A expansão do Japão, segundo os militares, passava necessariamente por essa estratégia para assegurar fornecimento de matérias primas, mercado para seus produtos e domínio das rotas marítimas na Ásia para o Japão – redenominado Império do Grande Japão (Dainippon Teikoku) no Período Meiji até 1947, incorporando ao nome, fidedignamente, sua política expansionista. O Japão, cada vez mais necessitava de matéria prima e combustíveis para sustentar os crescentes conglomerados industriais – as chamadas *zaibatsu* – como a Mitsui, Mitsubishi, Sumitomo e Yasuda. É de se notar a denominação de partidos políticos e associações civis, produtos da influência de pensadores como Sadao Araki, fundador do Partido do Exército, que liderou o movimento nacionalista Showa; Associação de Apoio ao Domínio Imperial -*taisei yokusankai*, cujo fundador, Fumimaro Konoe, foi eleito Primeiro Ministro em 1940. Já no xogunato, a principal força de oposição se chamava *Ishin Shishi* (Patriotas Nacionalistas). Outros fatores devem ser considerados na escassez de recursos enfrentados pelo país nessa época. A repentina sensação de liberdade pela extinção do feudalismo e a introdução das ciências do Ocidente, aí incluída a médica, fez crescer a taxa de natalidade. Logo após a Reforma Meiji, numerosa população advinda do êxodo rural – excedente da mecanização e da reforma agrária do governo – agora sem emprego, sem renda e alguns endividados, concentrava-se nas cidades somando-se aos milhares desempregados pela rápida tecnificação da indústria. Formavam aglomerados humanos de insatisfeitos marcados pela numerosa população, pobreza e falta de terras.

O Japão, única grande potência não-branca, era ainda visto com desconfiança pelas potências do Ocidente. Desconfortável por ter sido alijado da proximidade dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha durante a Primeira Guerra, era seu desejo, conforme propôs em Paris na Proposta de Igualdade Racial, na Conferência de Paz em 1919, ser reconhecido como potência entre as brancas. A recusa fez o Japão concentrar-se em ocupar os arredores, numa política externa nipocentrista e pan-asianista – o que mostrava para o Ocidente sua superioridade como potência. A emigração assumiu caráter de “expansionismo pacífico”, quer nas colônias de ocupação da Ásia oriental ou nas colônias agrícolas como a das Américas, aí incluído o Brasil.

Muitos foram os emigrantes rumando para os vários territórios ocupados, principalmente Manchúria, Coreia e Taiwan, retornando, porém, após 1945. Até este ano, o Japão enviara ao Brasil 190 mil imigrantes e à Manchúria, 225 mil. Nos últimos anos, a partir de 1939 o Japão vinha intensificando a emigração para territórios ocupados da Coreia e Manchúria por ser mais barata do que para o Brasil.

### **Antecedentes históricos no Brasil**

A princípio era indesejada a imigração japonesa para o Brasil. Manuel de Oliveira Lima, encarregado de negócios da primeira missão diplomática ao Japão, consultado, recomendou ao Ministério das Relações Exteriores a não importação desses imigrantes

alertando para o perigo de o brasileiro se misturar a essa “raça inferior”. Pouco antes, o fracasso da imigração chinesa nos EUA contribuiu para a resistência na aceitação da imigração japonesa para o Brasil. Nosso país preferia o europeu para “civilizar” e fazer jus à política do “branqueamento” do brasileiro, idealizado por Francisco José de Oliveira Viana e Nina Rodrigues. Os japoneses representavam o “perigo amarelo”, o risco de se instalar no país “quistos amarelos”. Mas, na iminência de grandes prejuízos na cafeicultura paulista pela escassez de mão de obra – não havia mais mão de obra escrava –, abriram-se os portões para a imigração do japonês. Anos mais tarde, começa a campanha pela nacionalização do imigrante, proibindo-se o ensino e o uso do idioma de origem. O imigrante nipônico, que não desejava permanecer no Brasil, procurou preparar seus filhos para o dia do retorno alfabetizando-os às escondidas. Tornando-se inimigo o Japão, o estranhismo deu lugar à rejeição do imigrante, com acalorados debates no Congresso, apoio da igreja católica e da opinião pública. As ações repressivas da polícia e do governo, temendo o “perigo amarelo” isolou-os ainda mais, reforçando no conceito popular a noção de raça estranha. Não havia nenhuma entidade do governo para aproximar, assistir ou facilitar a integração do imigrante à sociedade brasileira. Não havia intérpretes, as casas não tinham mobília e os gêneros alimentícios não eram familiares à culinária japonesa. Muitos morreram principalmente de doenças tropicais, enfermidades desconhecidas pelos japoneses; alto era o índice de mortalidade infantil por males corriqueiros como disenteria e desidratação, recorrentes em situações de precárias condições de higiene. Tantas dificuldades iniciais fizeram anteriormente imigrantes europeus abandonarem a vida no campo ou retornarem a seus países. A escassez de mão de obra se agravou ainda mais face à proibição da emigração de italianos a partir de 1902, decretado pelo congresso daquele país, face às más condições a que seus naturais estavam expostos no Brasil – uma das razões por que tentava-se supri-la com japoneses. Assim como ocorrera alguns anos antes, quando não se pensou na integração do ex-escravo à sociedade e à economia brasileiras, também não houve para o imigrante, preocupação com sua integração – apenas com a sua produção. Os japoneses sentiram necessidade de se organizar em associações na tentativa de vencer o desconforto do isolamento e manter os laços afetivos e culturais com o Japão, pátria à qual 90% dos imigrantes pretendiam voltar. Fazia-se notar entre os objetivos, a união, o culto ao imperador e às tradições da nação. Os termos união, progresso, patriotismo eram comuns na denominação das associações. Havia também entidade assistencial fundada por imigrantes japoneses católicos, com a aprovação da igreja, para assistência aos imigrantes pobres. No Japão, a partir de 1927, foram organizadas cooperativas que previamente vendiam aos emigrantes terras de futuras colônias no Brasil, que tinham o objetivo de torná-los proprietários e livrá-los do trabalho vinculado a qualquer tipo de dependência. Foi esta a origem das cidades paulistas de Bastos, Aliança, Tietê e Três Barras em 1928. Era a inauguração de uma nova forma de trabalho no campo para o imigrante japonês.

Como mencionado em artigo anterior, a gente japonesa era a mais diferente e a mais recente das imigrações, por Oliveira Viana comparado a enxofre: “são insolúveis, não se deixam assimilar”. Os imigrantes alemães também não se dispunham à mistura, discriminando quem trabalhasse ao lado de negros e judeus. Sob a ideologia da superioridade da raça ariana pregada pelo nazismo, não viam com bons olhos a miscigenação brasileira. No Partido Nazista do Brasil, fundado por imigrantes alemães, era proibido aos seus membros o casamento com brasileiras. Talvez pela “inassimilaridade”, tanto quanto a japonesa, os imigrantes alemães que representavam o “perigo alemão” foram também vítimas de agressivas campanhas de nacionalização, entretanto, suavizadas aos imigrantes italianos como ocorreu na região de Porto Alegre, Caxias do Sul e adjacências. Fato que mostra coerência ao passarmos os olhos para o número de imigrantes das três etnias abordadas no presente artigo: de 1819 a 1947, entraram no Brasil, 253.846 alemães, 188.622 japoneses e 1.513.151 italianos. Mecanismo semelhante à Shindo Renmei no que tem de ligação afetuosa e patriótica ao país de origem, o Partido Nazista do Brasil teve 2822 filiados estruturados em 17 estados, pouco mais de um por cento numa população de 230 mil imigrantes alemães na década de 30. Como se vê, comparativamente, bem pouco entusiasmo despertou entre os imigrantes o nacionalismo alemão em terras brasileiras.

## **Conclusão**

Com mais peças no tabuleiro, talvez possamos ir um pouco além do enfoque histórico de fanatismo que a imprensa da época, o congresso e a sociedade brasileira deram ao episódio, retratado pelo escritor Fernando Moraes em seu romance “Corações Sujos”.

Tão atroz realidade encontrada em terras brasileiras, muito distante da realidade japonesa, ainda que pobre; distante ainda em pensamento, costumes, religião, hábitos e caráter de seu país, tornou os imigrantes japoneses incapazes de assimilar os fatos, fazendo-os, antes, se refugiar no conforto psicológico de um Japão ideal, no país para o qual pretendiam retornar. Não sentem o Brasil como seu país, não se sentem sequer acolhidos; pelo contrário, o abandono parece ter sido duplo: o governo japonês para se modernizar e expandir, convidou-os à uma emigração de “sucesso garantido”, pouco se importando com o “sucesso” e bem estar de seus cidadãos no Brasil, como fizeram os italianos por exemplo. De garantido, as autoridades japonesas tinham apenas a certeza da diminuição da pressão social no Japão. Da boca dos imigrantes mais velhos, o que se ouve é que eles foram abandonados, pior, ludibriados. Saíram do Japão sem qualquer orientação, sem conhecer nada do país de destino, sua alimentação, usos e costumes. Os candidatos à emigração se mostravam entusiasmados pela terra onde “se colhia dinheiro nas árvores” – boato que corria à boca pequena. Mesmo depois de emigrados – mágoa que ainda permanece entre eles – o governo japonês, se teve ciência, foi omissos com relação a pestes, doenças, e as duras condições de vida que enfrentavam seus cidadãos. Estes, sentindo-se aqui mais

discriminados e mais hostilizados que outros imigrantes, além de todo sofrimento por que passavam, sentiam-se humilhados por serem submetidos a policiais e capatazes semi-alfabetizados, ameaçadores, rudes e armados (estranho e assustador para o imigrante japonês, acostumado a relações mais amistosas com a polícia de seu país – que trabalha desarmada ainda hoje). Os imigrantes lamentavam: *imin wa kimin da* (os imigrantes são gente esquecida), relata o imigrante Tomoo Handa ao descrever a vida dos imigrantes japoneses em terras brasileiras em “O imigrante japonês”. Embora ressentidos, era ao país que sempre lhes deu orgulho pelo passado e o conforto do lar pátrio, a que voltariam seu afeto e sua identificação cultural. Nascida a princípio para unir os japoneses, com o tempo, a Shindo Renmei passou a sustentar confortável ilusão, proporcionar aos seus seguidores o conforto do país idealizado, o solo materno onde tinham suas raízes fincadas, protegidos da dura realidade exterior que aqui viviam. A ilusão os fazia ter raízes de que se orgulhavam, ter ancestralidade, identificação pela cultura, ser alguém, o que não acontecia neste país. O distanciamento foi mútuo: o grosso da sociedade brasileira, se antes ignorava por não compreender, passou a hostilizá-los como gente do país inimigo que representava efetiva ameaça. De fato, era o único imigrante não branco, não cristão, de costumes e culinária muito diferentes, cuja pátria aumentava cada vez mais seu território, ignorando mesmo manifestações contrárias de outros países. Os japoneses, já isolados pela irreconciliabilidade das diferenças, antípodas, no isolamento também discriminavam os brasileiros chamando-os *gaijin* (estrangeiros) ou pejorativamente *ketô* (literalmente “forasteiro peludo”). Também não viam com bons olhos quem se casava com os nativos daqui. A despeito de tantas diferenças, felizmente houve exceções de fraternais aproximações a que muitos imigrantes são gratos: pela ajuda e principalmente pelo calor da amizade recebida. E não são poucos os brasileiros que a despeito das hostilidades, se interessaram pelas artes, pelos esportes e pela cultura japonesa, resultando em simbiótica convivência com rica troca cultural.

O fenômeno Shindo Renmei foi “...mecanismo de negação da realidade na tentativa de preservar a estrutura psíquica de seus membros”, conclui Marcela Jussara Miwa em sua dissertação de mestrado da Unicamp “Narciso no império dos crisântemos: interpretando o movimento Shindo Renmei”.

Os derrotistas eram geralmente mais integrados e por isso mais bem informados; eram os de melhor situação financeira e profissional, tinham mais relações com brasileiros de bom nível social e intelectual. Os “vitoristas” eram os mais numerosos e quase unanimemente, gente das camadas menos favorecidas, as mais isoladas, as mais sofridas e menos integradas: os que mais precisavam acreditar numa salvação, os portadores do grito silencioso da dor, da humilhação, da angústia, da insegurança, os que mais precisavam se auto-afirmar e se destacar no meio daquela sociedade que lhes parecia hostil e indiferente ao seu passado glorioso. E a vitória do Japão com o conseqüente repatriamento era a promessa de um mundo melhor, e se tornavam



automaticamente seus inimigos os que tentavam destruir essa preciosa esperança ou conspirar sua nação e seu imperador. Diante de realidade cruel, aceitável se torna admitir mecanismo de defesa psicológico em que o homem idealiza seu grande pai que o protege e o conforta. A terra natal e o imperador assumem o lugar do poderoso pai protetor e acolhedor que haverá de lhe dar guarida e lhe proporcionar uma vida melhor.

Extinta a Shindo Renmei por intervenção policial, restou o doloroso regresso à realidade, tempo de cuidar dos ferimentos e deixar ainda muitos outros expostos – estelionatários impunes, oportunistas ladrões do suor e da ingenuidade de conterrâneos –, e repensar o distanciamento aberto com as diferenças ideológicas que o movimento provocou entre a comunidade, outrora unida e coesa.

E uma vez mais, experienciar um novo começo ou o que quer que seja, em profundo e agora, talvez ainda mais doloroso silêncio.

Referências:

DUUS, Peter. *The Cambridge History of Japan – The twentieth century* – vol 6: Nova York: Cambridge University Press, 1988

HANDA, Tomoo. *O imigrante japonês*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987

JAGUARIBE, Helio. *Desenvolvimento político*. São Paulo: Perspectiva, 1975

MOORE, Charles. *The Japanese mind*. Tokyo: Charles E. Tuttle Company, 1980

\_\_\_\_\_. *Filosofia: oriente e ocidente*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1978

Nippon-Brasil kouryushi. *Nippon-brasil kouryushi henshuiinkai*. Tokyo, 1995 (História das relações nipo-brasileiras)

YAMASHIRO, José. *História dos samurais*. . São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão – Masao Ohno, 2ª ed.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/R%C3%A9is>

[http://es.wikipedia.org/wiki/Nacionalismo\\_japon%C3%A9s](http://es.wikipedia.org/wiki/Nacionalismo_japon%C3%A9s)

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco\\_Xavier](http://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_Xavier)

<http://madeinjapan.uol.com.br/2007/05/09/japao-de-todos-os-santos/>

<http://www.catolicismo.com.br/materia/materia.cfm?IDmat=D2F0C736-3048-560B-1C811E2509EF36B9&mes=Fevereiro1997>

<http://www.catolicosdobrasil.com.br/tag/japao/>

<http://www.embaixadadeportugal.jp/centro-cultural/portugal-e-japao/historia-cronologia/pt/>

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Matthew\\_Calbraith\\_Perry](http://pt.wikipedia.org/wiki/Matthew_Calbraith_Perry)

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Restaura%C3%A7%C3%A3o\\_Meiji](http://pt.wikipedia.org/wiki/Restaura%C3%A7%C3%A3o_Meiji)

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Xogunato\\_Tokugawa](http://pt.wikipedia.org/wiki/Xogunato_Tokugawa)

[http://www.infopedia.pt/\\$a-abertura-do-japao-a-conquista-do-pacifico](http://www.infopedia.pt/$a-abertura-do-japao-a-conquista-do-pacifico)

[http://www.grandesguerras.com.br/artigos/text01.php?art\\_id=66](http://www.grandesguerras.com.br/artigos/text01.php?art_id=66)

[http://www.grandesguerras.com.br/artigos/text01.php?art\\_id=189](http://www.grandesguerras.com.br/artigos/text01.php?art_id=189)

<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000393553>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Afro-descendente>

Revista Veja nº 1841 – 18 de fevereiro de 2004

[http://veja.abril.com.br/180204/p\\_062.html](http://veja.abril.com.br/180204/p_062.html)

[http://www.espacoacademico.com.br/062/62res\\_maestri.htm](http://www.espacoacademico.com.br/062/62res_maestri.htm)

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Imp%C3%A9rio\\_do\\_Jap%C3%A3o](http://pt.wikipedia.org/wiki/Imp%C3%A9rio_do_Jap%C3%A3o)

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Imigra%C3%A7%C3%A3o\\_japonesa\\_no\\_Brasil](http://pt.wikipedia.org/wiki/Imigra%C3%A7%C3%A3o_japonesa_no_Brasil)

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Governo\\_Meiji](http://pt.wikipedia.org/wiki/Governo_Meiji)

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra\\_Boshin](http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_Boshin)

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Imp%C3%A9rio\\_do\\_Jap%C3%A3o](http://pt.wikipedia.org/wiki/Imp%C3%A9rio_do_Jap%C3%A3o)

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Era\\_Meiji](http://pt.wikipedia.org/wiki/Era_Meiji)

[http://en.wikipedia.org/wiki/History\\_of\\_rail\\_transport\\_in\\_Japan](http://en.wikipedia.org/wiki/History_of_rail_transport_in_Japan)

<http://jesuscristojapao.com/Os%2026%20Martires%20de%20nagasaki%20.html>